

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADES**“QUERIDA EU DO PASSADO, TUA SINGULARIDADE É O QUE TE
TORNA NOTÁVEL”****“DEAR PAST SELF, YOUR UNIQUENESS IS WHAT MAKES YOU REMARKABLE”**

**Poliane Paula da Silva¹
Alba Patricia Passos de Sousa²**

RESUMO

Neste artigo, busco refletir como o processo de construção/aceitação da identidade negra me atravessa na relação do eu passado/presente. O presente estudo é desenvolvido a partir da abordagem teórica metodológica narrativa (auto)biográfica que perspectivou em pensar quais os movimentos em meu processo formativo contribuíram para constituição da identidade negra que tenho? Na constituição dessa escrita vou dialogando com autores/as como Bragança (2012), Monteiro (2020), Hall (2000), Gomes (2002) dentre outros que nos ajudam a refletir em relação nossa *vidaformação*. Nos atravessamentos vou aprendendo algumas lições o protagonismo de uma mulher negra, estudante e filha de um homem e mulher da classe trabalhadora, foi a decisão mais transformadora dessa fase da *vidaformação*, Trajetória formativa, espinhosa e repleto de desafios, assim, vou me percebendo os atravessamentos de tornar-se uma mulher preta, marcada por processo de auto aceitação, lutas e aprendizados.

Palavras-chave: Identidade; Relações Étnico raciais; Narrativas

ABSTRACT

In this article, I seek to reflect on how the process of construction/acceptance of black identity crosses me in the relationship between the past/present self. The present study is developed from the (auto)biographical narrative theoretical methodological approach that perspective in thinking which movements in my formative process contributed to the constitution of the black identity that I have? In the creation of this writing, I dialogue with authors such as Bragança (2012), Monteiro (2020), Hall (2000), Gomes (2002) among others who help us reflect on our life-formation. Along the way, I learned some lessons, the leading role of a black woman, student and daughter of a working-class

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Amílcar Ferreira Sobral - CAFS, E-mail: polianepaula716@gmail.com

² Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Campus Amílcar Ferreira Sobral- CAFS. E-mail: alba2sousa@ufpi.edu.br

man and woman, it was the most transformative decision in this phase of my life. crossings of becoming a black woman, marked by a process of self-acceptance, struggles and learning.

Keywords: Identity; Ethnic and racial relations; Narratives

1 INTRODUÇÃO

Os padrões de beleza estabelecidos na sociedade influenciam diretamente na aceitação e construção das identidades dos/as sujeitos/as, é importante que tais padrões sejam desconstruídos, entendendo que estamos inseridos em uma sociedade brasileira heterogênea onde cada ser possui suas especificidades. Neste sentido, a primeira autora narra suas experiências sobre o racismo na infância, movimento proposto no início do período 2023. 2 da disciplina relações étnico raciais, gênero e diversidade ministrada pela coautora. A docente solicitou que fizéssemos um exercício na memória de lembrar de alguma situação vivenciada por nós ou por alguém que tivéssemos presenciado e escrevêssemos uma carta, os conceitos-chaves que deveriam atravessar o processo de digressão seria racismo, discriminação ou preconceito. Assim, busco nessa escrita refletir como o processo de construção/aceitação da identidade negra me atravessa na relação do eu passado/presente.

Escolhemos como abordagem teórica metodológica a pesquisa narrativa (auto)biográfica que acordo com Bragança (2018), consiste em estudos que surgem a partir de experiências significativas da vida da pesquisadora. Também porque é método, epistemologia, política e estética o que nos ajudar a produzir uma narrativa autoral em processo de autoformação. E que nos exigir envolvimento no processo de reflexão, guiado pelo seu interesse, permitindo-lhe definir e compreender sua trajetória (Santos e Garms, 2014).

Monteiro (2020) destaca que a pesquisa narrativa autobiográfica, ao entrelaçar vivências pessoais, promove a conexão entre indivíduos e realidades distintas, tecendo pontes entre o singular e o coletivo. Essa metodologia se configura como um espaço de partilha, onde experiências individuais se convertem em um caleidoscópio de saberes, rico em nuances e diversidades. Conforme Sousa (2019), a pesquisa narrativa autobiográfica se configura como um convite à introspecção, um ato de bravura que exige a exposição de vulnerabilidades e imperfeições. Através dessa jornada de autodescoberta, o indivíduo se reencontra, reconhece suas potencialidades e transforma suas experiências dolorosas em aprendizados valiosos.

As leituras propostas pela professora em sala de aula nos ajudava a compreender como o racismo vai materializando nos corpos de pessoas pretas através de ações de pessoas brancas

e as dificuldades de homens e mulheres negras em constituir/aceitar seu fenótipo. Perspectivo em pensar quais os movimentos em meu processo formativo contribuíram para constituição da identidade negra que tenho?

Segundo Hall (2000) as identidades não são unificadas e estão sempre em processo de mudanças e transformações, tal afirmação nos leva a entender que passamos por um processo de identificação durante nossas vivências, já que a identidade não é algo fixo. Logo, se faz necessário pensar na construção dessas identidades e de como elas moldam os sujeitos, principalmente a identidade negra, pois como afirma Gomes (2002) a identidade negra é caracterizada por uma construção social, histórica e cultural, marcada por densidades, confrontos e diálogos. Dessa forma, percebi quão é importante que durante a construção da identidade, o sujeito busque compreender a sua história, cultura e o legado de resistência que moldaram a identidade negra no decorrer do tempo.

Pensar na construção da identidade de uma pessoa é algo bastante complexo, pois os seres humanos estão constantemente interagindo socialmente, o que molda seus sentimentos, ações, ideologias e pensamentos. Essas interações diárias, vividas tanto em grupo quanto individualmente, permitem que cada um adote posturas diante das experiências nos diversos espaços sociais. Escrever sobre identidade não é uma tarefa simples. Pesquisadores experientes, como Hall (2000), afirmam que o conceito de identidade é complexo e em constante mutação. Segundo ele, a identidade não é única, mas múltipla e dinâmica. Existem diversas formas de identidade, como gênero, raça, classe social, etnia, nacionalidade, ideologia, e profissão, entre outras.

No que diz respeito à cultura negra e suas identidades, estas se situam no campo da diáspora e da hibridização, o que significa que na cultura, em termos etnográficos, não há pureza (Hall, 2000). A mestiçagem, ao sugerir a mistura de etnias, pode promover a ideia de branqueamento, o que pode enfraquecer a identidade negra, construída com base em uma consciência histórica e política. Portanto, é preciso construir a identidade na diferença. Na cultura negra, essas diferenças se manifestam na história, através da ancestralidade e das tradições, que são constantemente traduzidas e ressignificadas. A identidade negra se forma na resistência do povo negro/preto contra todas as formas de discriminação racial. Dessa luta, nascem produtos culturais como a música, especialmente o rap (ritmo e poesia), que se transforma e canta sobre o novo contexto, sempre consciente desse pertencimento racial.

O teu tom de pele é único e lindo, uma parte especial da tua identidade que não deve ser escondida ou envergonhada. Aprenderás, ao longo do tempo, a abraçar e valorizar

a tua singularidades (Carta de Silva, 2023).

Ao reconhecer o tom de pele como uma característica única e bela, Silva destaca a importância de abraçar nossa identidade em toda a sua diversidade. Em um mundo onde a conformidade muitas vezes é valorizada, essa mensagem encoraja cada pessoa a encontrar força e beleza em sua singularidade, promovendo um senso de orgulho e autoconfiança que transcende as pressões externas. Ao longo do tempo, essa jornada de autodescoberta e valorização pessoal pode transformar não apenas a forma como nos vemos, mas também como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

2 A beleza na diversidade: os atravessamentos de autoaceitação e empoderamento

A pressão sobre ser “bonita o suficiente” e assim ser aceita numa sociedade estereotipada pode afetar significativamente no processo de aceitação/construção de identidades, aqueles momentos em que me sentia insegura, quando questionava a minha aparência, eram apenas sombras passageiras em um retrato muito maior da tua vida. O meu tom de pele é único e lindo, uma parte especial da tua identidade que não deve ser escondida ou envergonhada (Carta de Silva, 2023).

Em um mundo moldado por padrões homogêneos de beleza, minha carta emerge como um farol de empoderamento e auto aceitação. Porque tive uma trajetória quando criança, marcada por inseguranças e questionamentos em relação minha cor de pele, e que não entendia os processos de racismo que vivia, não compreendia as micro violências que muitas pessoas pretas passam cotidianamente e como professora devemos desconstruir estereótipos canonizados e pluralizar as belezas que são singulares. A falta de práticas educativas antirracistas com as crianças e adolescentes reverberam em comportamentos de adultos doentes pelo mal do racismo. Nesse sentido, os educadores desempenham um papel fundamental ao estar atentos e conscientes de suas práticas, pois estas têm impacto significativo na formação da identidade de cada indivíduo. As referências construídas nas redes de convivência infantil, como a família, escola, igreja e comunidade, exercem influências diretas e/ou indiretas na construção da identidade da criança, abrangendo aspectos como o comportamento dos adultos, a linguagem utilizada e os valores ensinados.

Aqueles momentos em que te sentias insegura, quando questionavas a tua aparência, eram apenas sombras passageiras em um retrato muito maior da tua vida (Carta de Silva, 2023).

Embora a palavra “racismo” não seja explicitamente mencionada, a carta carrega o peso de uma dor silenciosa: a luta contra a desvalorização da beleza negra/preta. A destinatária da carta, vítima de críticas e comentários negativos sobre sua aparência, foi levada a questionar sua própria beleza, sucumbindo aos padrões estéticos eurocêntricos que dominam nossa sociedade. A supremacia branca se manifesta também na beleza, impondo como ideal características caucasoides como pele clara, cabelos lisos e olhos azuis. Essa narrativa excludente cria um abismo entre a beleza real e diversa da população negra, gerando sentimentos de inferioridade e insegurança. A mídia, a cultura popular e os espaços de poder raramente retratam a beleza negra e suas subjetividades. Essa falta de representatividade reforça a invisibilidade dessa beleza, dificultando a construção de uma autoestima positiva para quem não se encaixa no padrão eurocêntrico.

A educação das crianças brasileiras possui uma trajetória muito particular, desde a colonização brasileira, as formas e os cuidados eram diferenciados dependendo da condição social de cada criança. Nessa condição a política de branqueamento tornou-se um aspecto crucial acerca das ideias que circulavam sobre a educação e o cuidado das crianças.

Segundo Carone (2002, p. 13), a ideologia do branqueamento pode ser compreendida como uma forma de coerção cultural imposta pela hegemonia branca, principalmente após a abolição da escravidão. Essa coerção visava forçar a população negra a negar sua própria identidade, tanto em aspectos físicos quanto mentais, como condição fundamental para se “integrar” à sociedade. Esse mito do branqueamento busca apagar a negritude, reprimindo a expressão cultural afro-brasileira e promovendo a assimilação dos negros aos padrões brancos, considerados superiores. Essa ideologia perversa, ainda que não explicitamente declarada, teve um impacto profundo na sociedade brasileira, perpetuando o racismo e a discriminação contra a população negra

Cavalleiro (2001) destaca que as imagens criadas tanto pelas ilustrações quanto pelas descrições e ações da/o personagem negro podem ser usadas de forma construtiva para aumentar a autoestima de crianças negras, o empoderamento, bem como a consciência de crianças não negras. Vale ressaltar que a infância no Brasil, desde a colonização, foi marcada por disparidades e desigualdades no que tange à educação e ao cuidado das crianças. Silva (2023) ilustra essa realidade em sua obra, narrando sua própria experiência com o racismo em diferentes ambientes durante sua infância.

Entretanto precisamos entender que existe na sociedade brasileira a política do branqueamento que causa efeitos devastadores na aceitação e auto estima de pessoas pretas. Como por exemplo o que Carone (2002 p. 13) define como a ideologia de branqueamento:

[...] uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a Abolição da Escravatura, para que o negro negasse a si, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se 'integrar'.

Essa política de branqueamento, criada pela supremacia branca, causou construções negativas sobre as populações negras, desvalorizando e prejudicando a autoestima e a identidade racial, acarretando relações discriminatórias e preconceituosas acerca dos códigos culturais dessa população.

O racismo é uma questão estrutural (Almeida, 2019) e a escola, enquanto instituição que faz parte da estrutura do Estado, pode contribuir para a perpetuação ou modificação de comportamentos da sociedade brasileira. Conforme art. 2º da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN, 1996):

[a] educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Partindo desse entendimento, sabemos que a educação, especialmente na educação infantil, possui um papel fundamental na desconstrução do racismo e na promoção da igualdade racial, é importante que dentre as propostas pedagógicas que são materializadas no *tempo/espaco* escolar privilegiem a história e cultura afro-brasileira e africana e que no material didático tenha representações de forma positiva em relação a diversidade étnico-racial.

3 (In)Conclusões: o que aprendi?

Aprendi que os professores/a que mediam os processos de formação social e intelectual, devem em suas práticas pedagógicas promover o respeito ao ser humano. Por meio de uma educação antirracista, que valorize as histórias de todos/a que fazem parte da comunidade escolar. Entendo que é necessário romper com os padrões homogêneos de beleza e celebrar a beleza da diversidade em todas as suas formas. Faz-se necessário uma educação antirracista

implementada desde a educação infantil, visando combater o racismo estrutural. E para isso, a família e a comunidade devem trabalhar juntas.

As histórias que ouvimos na infância, contadas de modo que mostre apenas um da história, moldam nossa trajetória, independentemente da cor da nossa pele. Absorvemos tudo que nos é dito, seja positivo ou negativo, e isso se reflete em nossas vidas. Ao narrar minhas experiências, percebi a profunda influência das histórias que ouvi quando criança. Mesmo após tantos anos, sinto como se retornasse àquela época, marcada para sempre em mim.

Então numa história onde a narrativa do povo negro é sempre silenciada, e contada de forma única, provavelmente desencadeará vários problemas de autoestima nas crianças negras, com isso, há todo um aparato histórico que precisa ser levado em conta quando se decide estudar o papel da pessoa negra, seja criança, jovem ou adulto nas diferentes representações sociais existentes.

Para romper esse ciclo, é fundamental reconhecer a riqueza e a complexidade da história do povo negro. Estudar o papel da pessoa negra em diferentes contextos históricos e sociais, desde a resistência ao processo de escravização até as lutas por direitos civis e justiça social. É crucial para construir uma narrativa reflexiva sobre o si e o outro. Essa abordagem abrangente permite que as crianças negras se identifiquem com diversos modelos positivos, reconheçam sua força e resiliência, e se inspirem para alcançar seus sonhos.

Ao narrar minhas experiências, percebo que o processo de identificação e auto aceitação foi doloroso devido as vivências na infância ser atravessado por afirmações negativas em relação a minha cor e beleza o que desenvolveu insegurança e vergonha de si mesma. Assumir a identidade negra representa uma conquista, e abraçar a negritude é um ato de empoderamento para mim.

Assumir o protagonismo de uma mulher negra, estudante e filha de um homem e mulher da classe trabalhadora, foi a decisão mais transformadora dessa fase da *vidaformação*. *Trajetória* formativa, espinhosa e repleto de desafios, assim, vou me percebendo os atravessamentos de tornar-se uma mulher preta, marcada por processo de autoaceitação, lutas e aprendizados. Em um mundo moldado por uma narrativa eurocêntrica, que precisei aprender a falar sobre mim, ou seja, falar sobre os meus atravessamentos na constituição da identidade.

Por fim, entre as lições que aprendi que o processo de construção da identidade e da autoaceitação envolve questões muito complexas, visto que os sujeitos precisam superar os padrões historicamente estabelecidos socialmente. Porém, é essencial que os sujeitos vençam

esses desafios, para que assim possam abraçar as diversidades existentes e valorizar nossas histórias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. (2019). **O Espectro do Racismo Estrutural**. Editora Malê.

BRAGANÇA, I. F. S. **Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras Teórico – metodológicas**. In: **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico – metodológicos**/Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Jorge Luiz da Cunha, Lúcia Vilas Bôas (Org.) Curitiba: CRV, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CAVALLEIRO, E. (2001). **A formação da identidade racial na infância: a influência da literatura infantil**. Cadernos de Pesquisa, (113), 121-136.

CARONE, I. (2002). **O mito da democracia racial: e a negação do negro na sociedade brasileira**. Pallas.

GOMES, N. L. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002.

HALL, S. **Quem precisa da Identidade?** In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**, p. 103-133, 2000.

SANTOS, H. T; GARMS, G. M. Z. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: Contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. In: Congresso Nacional de Formação de Professores. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2014. p. 4094-4106.

MONTEIRO, S. A. de S. (2020). **A pesquisa narrativa autobiográfica como tecedora de pontes entre o singular e o coletivo: Um caleidoscópio de saberes em nuances e diversidades**. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, 22(1), 152-170.

SOUSA, K. B. F. de S. (2019). **A pesquisa narrativa autobiográfica: Um convite à introspecção e à transformação de experiências dolorosas em aprendizados valiosos**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 16(7), 237-252.

CARONE. E. (2002). **A República da Concentração de Rendas: Brasil 1930-1945**. São Paulo: Editora Record.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. In: SOVIK, Liv (Org.). **Representação da UNESCO no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 434 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.